

A teoria clássica de inflação de Anwar Shaikh

Nick Johnson¹

A teoria econômica precisa explicar o fenômeno da inflação. Este *post* baseia-se no capítulo 15 do livro *Capitalism*, recentemente publicado pelo professor Anwar Shaikh, no qual ele descreve sua teoria da inflação sob a moeda fiduciária moderna (dinheiro criado pelo Estado e sem relação fixa com o ouro ou outra mercadoria). Ele contrasta a sua teoria com as teorias neoclássicas e keynesianas e fornece evidências empíricas para apoiar suas ideias.

A essência do modelo de Shaikh é bem simples. A inflação, um aumento no nível geral de preços no sistema econômico, é determinada pela demanda e pela oferta agregada, as quais são influenciados por três fatores que podem ter efeitos positivos ou negativos: novo poder de compra (PP), lucratividade líquida (a taxa de lucro menos a taxa de juros, rr) e a chamada 'taxa de utilização do crescimento' (designada por u).

O fator PP atua do lado da demanda, e os outros dois fatores operam do lado da oferta. PP é influenciado pelo crédito do setor público e privado, ou pelo aumento do endividamento que alimenta maiores gastos no sistema econômico. Note-se que isso pode ser gerado internamente ou do exterior, por exemplo, através de um aumento nas exportações líquidas. Em teoria, sob o dinheiro fiduciário moderno, a quantidade de PP gerado pelo dinheiro impresso pelo governo não tem limite, e a história mostra que, em tempo de guerra, os governos muitas vezes financiaram as demandas extras de suas atividades por meio da criação de dinheiro novo – o que origina a inflação. Essa fonte de inflação, gerada pelo lado da demanda, parece similar à teoria monetarista, na qual o Estado figura como culpado por sua intervenção na economia e pela criação de um crescimento excessivo da oferta monetária quanto tenta manter o desemprego abaixo de sua “taxa natural”.

A inflação gerada pelo excesso de demanda, na teoria tradicional, está ligada à curva de Phillips, que parecia mostrar a existência de um trade-off entre o desemprego e a inflação. Alguns governos ocidentais na década de 1960 acharam que poderiam explorar esse trade-off promovendo uma baixa taxa de desemprego às custas uma inflação mais alta, o que seria alcançado por meio de políticas monetárias e fiscais expansionistas. O aparente trade-off rompeu-se na década de 1970 e os economistas keynesianos da época caíram em desgraça, sendo substituídos por um tempo pelos monetaristas, liderados por Milton Friedman.

Mas o modelo de Shaikh, como já mencionado, acolhe também a interação entre demanda e oferta de dinheiro. A inflação, segundo ele, ademais, responde negativamente aos aumentos de rr (rentabilidade líquida). Se rr aumentar, a inflação tenderá a cair, mantido tudo o mais constante.

¹ Autor que escreve no blog *The Political Economy of Development* e que se apresenta como alguém que tem um *Master Degree* em Economia do desenvolvimento pela Universidade de Londres e que trabalha para uma instituição de caridade.

Finalmente, a inflação responde positivamente a u , a taxa de utilização do crescimento, uma medida da resistência da oferta. Para Shaikh, a taxa máxima de crescimento é igual à taxa de lucro. Isso ocorre porque, nesse modelo, as empresas como um todo não podem investir mais do que o valor total de seus lucros. Elas podem investir esse valor ou menos, mas não mais. Se investirem menos, o crescimento será menor. O termo u é a participação do investimento no lucro total, ou seja, $u = I / P$, onde I é o investimento e P é o lucro líquido total. Quando $u = 1$, as empresas estarão investindo todos os seus lucros e a taxa máxima de crescimento será alcançada. Se I for menor do que P , ou seja, $u < 1$, eles estarão investindo menos do que o máximo possível.

A utilização do crescimento é uma medida dos limites da expansão da oferta agregada. Quanto mais alto for u , mais "apertada" estará a economia e menor será a resposta da oferta agregada à PP, ou seja, ao surgimento de novo poder de compra. Note-se que Shaikh não afirma que essa oferta corresponderá ao pleno emprego, como na teoria keynesiana, ou a uma taxa natural de desemprego, como na teoria monetarista e na teoria novo-clássica. A teoria de Shaikh sustenta que uma taxa excedente de desemprego involuntário é de fato normal no capitalismo. O pleno emprego tenderá a ser apenas temporário – mesmo se o enfraquecimento do poder de barganha dos trabalhadores em relação aos salários, mesmo se o abrandamento das políticas de renda do tipo corporativista, possam melhorar as coisas para os capitalistas. Eles têm, porém, resultados diferentes em termos de desigualdade de renda.

O arcabouço teórico de Shaikh recebe apoio empírico em seu livro e pode ser usado para explicar períodos de hiperinflação e de estagflação (desemprego e inflação subindo juntos). O último fenômeno afligiu o mundo ocidental no final dos anos 1960 e 1970 e levou ao colapso do consenso keynesiano na formulação de políticas, permitindo assim a ascensão do neoliberalismo e das ideias de livre-mercado.

A estagflação ocorre quando a taxa de lucro está caindo mais rapidamente do que a taxa de crescimento, de modo que a utilização do crescimento aumenta e a economia enfrenta uma restrição na oferta. Uma queda na taxa de lucro tenderá a reduzir a taxa de crescimento e a elevar ao aumento do desemprego. A política keynesiana poderia responder ao aumento do desemprego, aumentando o poder de compra PP através de meios monetários e fiscais. Mas o aumento da demanda na economia não aumentará o emprego se a taxa de lucro estiver caindo, pois só produzirá uma inflação mais alta. Assim, é possível ter taxas crescentes de inflação e desemprego ao mesmo tempo, tal como foi comprovado.

A hiperinflação tende a ser causada quando, como mencionado acima, os governos tentam atender às suas necessidades de financiamento expandindo maciçamente PP no momento em que a economia está tendo um desempenho ruim. Uma restrição de oferta pode já estar presente, mas a moeda fiduciária permite que a PP seja aumentada potencialmente sem limite, de modo que, nesses casos, haverá uma relação estreita entre o aumento da PP e a inflação.

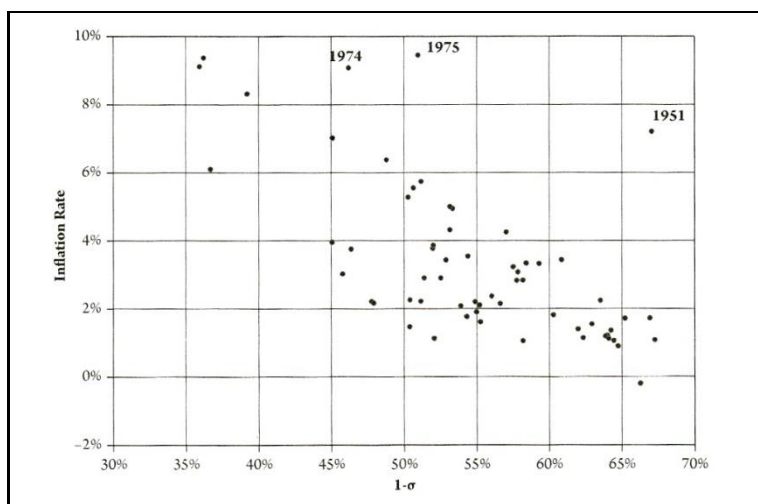
Shaikh compara empiricamente a curva original de Phillips e sua curva clássica para o período do pós-guerra, mostrando que a primeira falhou completamente na década de 1970, enquanto a segunda ofereceu uma descrição adequada. PP e rr são fatores de deslocamento da curva que liga a taxa de inflação e a taxa de utilização do crescimento u .

A teoria neoclássica dominante que emprega a noção de uma taxa de desemprego "natural" é semelhante à teoria de Shaikh, na medida em que ambas incorporam uma teoria do limite da oferta agregada e uma medida de "folga de crescimento econômico". No entanto, a teoria "*mainstream*" da oferta pressupõe que a taxa de desemprego com inflação estável é efetivamente a de pleno emprego; assim, ela exclui o desemprego involuntário. A teoria neoclássica tende a culpar a intervenção do Estado pela inflação, uma ideia que exige bancos centrais independentes e ordena ataques à negociação coletiva, aos salários e às condições de trabalho. Os pós-keynesianos analisam os fatores institucionais e de custo no mercado de trabalho para explicar a inflação. Propõem políticas de renda que tentam reduzi-lo, diminuindo coletivamente o crescimento dos salários.

A teoria de Shaikh não pressupõe o pleno emprego, mas sugere que há uma taxa normal de desemprego involuntário, que é sistêmica, e que tende a ser restaurada apesar das flutuações em ambos os sentidos, impulsionada pela livre concorrência e pela intervenção política.

Resumindo: A teoria clássica da inflação de Shaikh sustenta, primeiro, que esta é determinada pela "puxada" de demanda produzida pelo novo poder de compra. E, segundo, por uma resistência da oferta que aparece a partir dos limites de crescimento estabelecidos pela taxa de lucro líquido. O livro mostra a clara evidência empírica para este argumento, que rejeita tanto as teses neoclássicas quanto as teses heterodoxas pós-keynesianas.

N.T.: Abaixo se encontra o gráfico do comportamento da inflação vis-à-vis do complementar em relação a 1 da taxa de utilização do crescimento para economia norte-americana, entre 1951 e 2010. Ele mostra que a curva de Shaikh pode ser verificada e, assim, validada, com dados empíricos. O livro de Shaikh também mostra que não é possível comprovar a curva de Phillips tradicional para a economia norte-americana no mesmo período.



Fonte: Shaikh, p. 707